

ANÁLISE

História da peste e de outras endemias. Celso Arcoverde de Freitas. Rio de Janeiro, PEC/ENSP, 1988, 214 p.

A memória de um “cabra da peste”

Mario B. Aragão*

O Prof. Avila-Pires foi muito feliz ao apresentar Celso Arcoverde como um verdadeiro “cabra da peste”. Além dele ser um autêntico representante daqueles nordestinos obstinados que, contra todos os obstáculos, abriram o sertão de São Paulo; no antigo Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu), era o mais importante “cabra da peste”. Designação, nem sempre muito amigável, dada aos médicos originários do Serviço Nacional da Peste (SNP).

Sintomaticamente o livro se inicia com sua vivência entre os nordestinos levados, praticamente como escravos, para a zona chamada de Alta Paulista.

Colocamos a palavra memória no título desta resenha porque, ou o Dr. Celso tem uma memória prodigiosa ou este livro foi escrito há cinquenta anos.

A evolução da terapêutica da peste é mencionada várias vezes, e estávamos tristes por não ver nada sobre os inseticidas, quando apareceu a emulsão de sabão e querosene, preparada no local de aplicação e com a qual ainda chegamos a trabalhar. Era eficiente, mas tinha que ser muito bem aplicada.

Apesar de sabermos da admiração que o Dr. Celso tem pelo Dr. Almir de Castro, ex-diretor do SNP, a descrição dada é mais de um burocrata do que de um sanitarista. A bem da verdade deve-se dizer que o SNP era mais um serviço de assistência médica do que de saúde pública. Isso, aliás, ficou provado com a análise de sua atuação, feita pelo Prof. Baltazard (*Rev. Bras. Malar. D. Trop.*, 20 (3/4): 335-389, 1963).

Uma coisa que marcou fortemente o SNP foi a recomendação de manter o terreno em torno da casa completamente limpo, para dificultar o trânsito dos roedores. Isso está referido muito ligeiramente no livro mas, em qualquer lugar do Brasil, quando se encontra uma casa com o terreno completamente limpo em volta, certamente se está diante da moradia de um nordestino.

Muito sugestivos são os casos do emprego do sulfeto de carbono, como pulicida e raticida, e da sulfa, como medicamento. Produtos adotados pelo chefe do serviço regional, sem precisar consultar ninguém. Essa liberdade de iniciativa é a grande diferença entre a saúde pública daquela época e a de hoje. Atualmente, os médicos da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública (SUCAM) não têm liberdade para nada. Diante de qualquer problema, têm que esperar que

* Pesquisador titular da Escola Nacional de Saúde Pública

venha um consultor da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) indicar a solução. É por esse motivo que os médicos da SUCAM não evoluíram.

Muito justa a revolta do Dr. Celso contra a espoliação de técnicos feita pela OPAS que, nas décadas de 50 e 60, levou para outros países os melhores elementos da nossa saúde pública. Aproveito, entretanto, para retificar um ponto: nunca trabalhei para a OPAS e sim para a Universidade de El Salvador.

A grande mudança no pensamento e na atuação do Dr. Celso se dá com a criação do DNERu, quando ele passa a ser dirigido pelo grande sanitarista da nossa geração, Dr. Mario Pinoti. Na campanha contra o tracoma, passa a atuar de casa em casa e risca essa doença dos problemas de saúde pública do Brasil.

O capítulo sobre doença de Chagas é extenso e cheio de planos detalhados para o controle dos triatomíneos. Como triatomíneo é praga de pobre, logicamente, tais planos nunca saíram das salas de reunião e do papel. Acontece que, nas duas últimas décadas, o governo, via crédito subsidiado, promoveu a modernização da agricultura, principalmente no centro-sul. Com isso, a lavoura passou a usar largamente inseticidas, o que facilitou a obtenção desses produtos pela população, que passou a usá-los dentro de casa. Essa prática atingiu outros estados, como Goiás e Bahia, e hoje é muito difícil encontrar uma localidade infestada por barbeiros. O que tem sido constatado por nós e por outros pesquisadores.

Ao terminar o livro do Dr. Celso, sentimos uma grande tristeza, diante da situação da saúde pública atual e uma grande pena dos seus profissionais de nível universitário. Médicos da SUCAM transformados em burocratas devido à atuação da OPAS, jovens recém-formados que, para sobreviver com uma bolsa, ficam fazendo cursos na Escola de Saúde Pública, onde podem até atingir o grau de Doutor, sem nunca terem trabalhado na profissão.

É preciso mudar tudo. Um país que deu um Oswaldo Cruz, um Mario Pinoti e um Mario Magalhães da Silveira não pode continuar sem saúde pública.